

Paulo Freire e metodologias ativas: neoliberalismo como engenharia social

Paulo Freire and Active Methodologies: neoliberalism as social engineering

Paola Ciane Lubke Grossl¹ • Rafael Kutianski Correa² • Gilberto Silva dos Santos³

Resumo: O presente estudo discute aproximações entre a autonomia em Freire e as metodologias ativas. Entre neoliberalismo, subjetivação e educação matemática, traçamos questões que surgem ao questionar os dramas educacionais ao inclinar-se aos preceitos empresariais que ditam uma racionalidade neoliberal que cerceia as formas de vidas em prol de uma existência empresarial. Como materialidade da pesquisa, analisamos dois trabalhos oriundos dos anais do último Encontro Nacional de Educação Matemática para questionar qual o lugar das metodologias referidas no campo das pesquisas em educação matemática. A metodologia da discussão está pautada nos preceitos da análise discursiva de cunho francês ao colocar em evidência recorrências (e dispersões) em torno de uma engenharia social que legitima o escopo empresarial no campo educacional.

Palavras-chave: Metodologias Ativas. Neoliberalismo. Subjetivação. Educação Matemática.

Abstract: The following study discusses similarities between autonomy in Freire and active methodologies. Between neoliberalism, subjectivation and mathematics education, we outline issues that arise when questioning educational dramas when leaning towards business precepts that dictate a neoliberal rationality that restricts forms of life in favor of a business existence. As a materiality of the research, we analyzed two works from the annals of the last Encontro Nacional de Educação Matemática to question the place of the methodologies mentioned in the field of mathematics education research. The methodology of the discussion is based on the precepts of French discursive analysis by highlighting recurrences (and dispersions) around a social engineering that legitimizes the business scope in the educational field.

Keywords: Active Methodologies. Neoliberalism. Subjectivation. Mathematics Education.

Introdução

As metodologias ativas no campo educacional emergem no início do século XX, com John Dewey, ao defender um aprendizado por meio da inserção do conteúdo no contexto social do aluno, propiciando uma reconstrução permanente das experiências do estudante. Kilpatrick, por sua vez, defende o uso de problemas cotidianos durante o processo de ensino-aprendizagem. (Camargo e Daros, 2018).

A discussão acerca das metodologias ativas toma relevância a partir do momento em que autores contemporâneos defendem a sua utilização baseando seu ponto em pesquisadores como Piaget, Vygotsky e Freire, contudo, não fazem jus ao pensamento desses autores de forma integral e contextualizada, principalmente ao citar Freire para defender a autonomia dos

¹ Universidade Estadual do Paraná • União da Vitória, PR — Brasil • ✉ paola.grossl.78@estudante.unespar.edu.br • ORCID 0009-0001-8573-7014

² Universidade Estadual do Paraná • União da Vitória, PR — Brasil • ✉ correa.k.rafael@gmail.com • ORCID 0009-0008-9314-0497

³ Universidade Estadual do Paraná • União da Vitória, PR — Brasil • ✉ gilberto.santos@ies.unespar.edu.br • ORCID 0000-0003-4616-9891

estudantes, considerando um conceito de autonomia diferente do defendido pelo autor.

O neoliberalismo, mais do que um sistema econômico, é uma engenharia social (Safatle, 2023). Desse modo, esse modelo socioeconômico codifica o modo de agir e pensar de diferentes esferas da sociedade, principalmente na educação. A sociedade neoliberal valoriza amplamente características como autonomia, individualismo e responsabilidade, cabendo às escolas desenvolver esses aspectos nos estudantes.

O presente artigo foi construído a partir de pesquisas bibliográficas e da análise discursiva de corrente francesa (especificamente com Michel Foucault), e tem como objetivo explorar as relações entre o pensamento freiriano, as metodologias ativas e o modelo socioeconômico vigente: o neoliberalismo. Buscando compreender as contradições inerentes a esse sistema, principalmente na área da educação e analisando os efeitos do assunto na educação matemática.

Autonomia, um conceito complexo

Começemos com uma pergunta fundamental: o que é autonomia segundo Paulo Freire? Parece algo simples, talvez banal responder essa questão, pois ele escreveu um livro chamado *Pedagogia da Autonomia*. Porém, ao ler essa obra percebemos que Freire não define Autonomia simplesmente, como estamos acostumados nas definições matemáticas em livros didáticos. É todavia, algo construído ao longo das mais de 140 páginas e, podemos pensar que é por essa razão que novas metodologias que estão surgindo utilizem dessa suposta autonomia de Freire para basear suas proposições, mascarando seu significado e o apresentando como lhe convém.

Etimologicamente, autonomia vem do grego $\alpha\mu\phi\omicron$ = próprio e $\eta\omicron\mu\iota\alpha$ = lei, significa lei própria, ou seja, um sujeito autônomo agiria por leis próprias, fazendo uso de seus próprios meios. Mas para Freire, o que seria esse “agir por leis próprias”? (Andrade; Longo; Passos, 2000, s/p).

Primeiramente, é importante salientar que a autonomia é algo que pode ser construído durante a formação do estudante, algo que o professor pode fomentar, pois segundo Freire (2024), ensinar vai além dessa ideia de transferir conhecimento. Ensinar é criar a possibilidade que conhecimentos sejam produzidos no decorrer das experiências vividas na escola. Ou seja, “autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões que vão sendo tomadas” (Freire, 2024, p. 105).

No livro *Pedagogia da Autonomia*, o autor deixa claro a importância de que “o educando

vá assumindo o papel de sujeito da produção de sua inteligência do mundo e não apenas o de receptor da que lhe seja transferida pelo professor” (Freire, 2024, p. 121). Durante a construção do conhecimento por parte do educando, exercita-se a curiosidade, “sua capacidade crítica de ‘tomar distância’ do objeto, de observá-lo, de delimitá-lo, de cindi-lo, de ‘cercar’ o objeto ou fazer sua aproximação metódica, sua capacidade de comparar, de perguntar.” (Freire, 2024, p. 83). Nesse contexto, ele vai se tornando sujeito, deixa de ser um puro objeto sem esperança e sem fé, visto que torna-se crítico, aguça sua curiosidade e vem a ser um sujeito que analisa sua própria realidade.

Para esse “tornar-se crítico”, não se pode ignorar o contexto em que o estudante está inserido, visto que a autonomia é construída a partir da experiência, então

por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina [...] Por que não estabelecer uma ‘intimidade’ entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? (Freire, 2024, p. 32)

Como ser crítico estaria relacionado somente a saberes curriculares? Como ser um sujeito e não um objeto, não estaria relacionado a mesclar esses saberes com o contexto vivido? Segundo Freire (2024), o educador e a escola têm o dever de respeitar os conhecimentos que os educandos já carregam, além de, discutir como os saberes de cada indivíduo se relacionam com os curriculares. Afinal, “o que importa, realmente, ao ajudar-se o homem é ajudá-lo a ajudar-se. É fazê-lo agente de sua própria recuperação. É, repitamos, pô-lo numa postura conscientemente crítica diante de seus problemas.” (Freire, 2024, 79).

Por fim, a ideia de Freire é que através da educação o sujeito tome consciência da sua realidade, questione o ambiente onde vive e comprometa-se a transformar o mundo. Ser autônomo para Freire não tem a ver com individualismo ou com essa ideia de que o estudante pode aprender qualquer conteúdo sozinho, sem a figura do professor. Com o livro *A Pedagogia da Autonomia*, compreendemos que quando o educando vem a ser autônomo, ele toma consciência crítica, torna-se sujeito, por isso, como Freire (2024) cita em *Educação como Prática da Liberdade*, ao se fazer críticos, os sujeitos vêm com seus próprios olhos, projetam e tem esperança.

Afinal de contas, como e por que esse conceito é distorcido pelo neoliberalismo?

Neoliberalismo, uma forma de vida

Diferente do liberalismo, o neoliberalismo apresenta uma forte intervenção estatal,

porém não somente na área econômica, e sim nas áreas sociais (Safatle, 2023, p. 24-25). O neoliberalismo não é apenas uma teoria econômica, é também uma forma de vida.

Essa forma de vida articula moral e psicologia, economia e direito, política e educação, religião e teologia política, propondo um tipo de individualização baseado no modelo da empresa. Uma vida que deve ser apreendida, dirigida e avaliada como se o faz com uma empresa. (Safatle, 2023, p. 11).

A partir da reeducação das massas, o neoliberalismo se perpetua e permeia em toda a sociedade. Principalmente na Educação, utilizando palavras que remetem às relações empresariais, pois “falas constituem seus ouvintes” (Safatle, 2023, p. 22). Termos como “eficiência”, “empreendedorismo”, “cooperação” e “autodidatismo” não são amplamente citados por um acaso. Tem o intuito de moldar nossas vidas, tirando o foco do educando de tornar-se um sujeito (ser sujeito é ter consciência crítica), “livre-iniciativa, empreendedorismo e competitividade seriam características que brotaram quase que espontaneamente nos indivíduos” (Safatle, 2023, p.24), porque se somos inseridos a esses conceitos durante a formação, eles nos formam, como Foucault afirma em *A Ordem do Discurso* que “todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo” (2014, p. 41).

Precisamos compreender o que essas formas de vidas neoliberais acarretam em nós, como exatamente nos aflige? Segundo Safatle (2023), com crises sistêmicas do capital, surgem teorias centradas no indivíduo. No sistema neoliberal o conceito “capital humano” tende ao limite empresarial. Ao serem convertidos em capital, os sujeitos se veem como empresas e, passam a exigir de si mesmos uma otimização, sucesso e lucro. Valorizam características como “imaginação, motivação, autonomia, responsabilidade. Essa subjetividade ilusoriamente inflada provoca inevitavelmente, no momento de seu absoluto esvaziamento, frustração, angústia associada ao fracasso e autoculpabilização” (Safatle, 2023, p. 48). Nesse sistema, nos coisificamos, viramos uma mercadoria e nossa vida é regida pela lógica do mercado, o que acaba produzindo um esvaziamento dos sentidos ao dosar nossas existências a partir de valorações pautadas em trocas e equivalências.

Nessa engenharia neoliberal, uma das suas principais ferramentas para o esvaziamento do sujeito são as metodologias ativas, as quais pregam a autonomia atrelada ao capital humano. A seguir, discorreremos sobre o assunto.

Metodologias ativas, a ferramenta

As metodologias ativas de ensino-aprendizagem podem ser definidas como aquelas que buscam priorizar a autonomia dos estudantes, bem como um conjunto de práticas utilizadas no processo de aprendizagem. Ou seja, estimulando o protagonismo do educando, resultando em um sujeito ativo na construção do conhecimento, buscando a melhor estratégia e caminho para sua formação. Essas metodologias acabam personalizando o ensino e mudando o foco do processo de ensino-aprendizagem do professor aos estudantes, ao pautar o pensamento educacional ao escopo empresarial a partir da lógica do investimento e da culpabilização pelos sucessos e/ou fracassos.

Rocha e Farias (2020) citam que grande parte das metodologias ativas tem enfoque considerável na otimização do tempo em sala de aula, sendo esse reservado para sanar possíveis dúvidas e realizar atividades. Acerca disso, Morán (2015) afirma que

No modelo disciplinar, precisamos ‘dar menos aulas’ e colocar o conteúdo fundamental na WEB, elaborar alguns roteiros de aula em que os alunos leiam antes os materiais básicos e realizem atividades mais ricas em sala de aula com a supervisão dos professores.(MORÁN, 2015, p. 22)

Segundo Duminelli, Ezequiel e Yamaguchi (2018), nas metodologias ativas “existe a possibilidade de os alunos buscarem novos conhecimentos de diferentes formas, criando conhecimento frente às situações problemas apresentados pelo professor”. O lugar do professor adquire um esboço para supervisionar o que acontece em aula. Em resumo, há um esvaziamento no sentido do lugar de professor e professora em aulas (de matemática). Segundo Freire, a docência exige “a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes” (Freire, 2024, p. 28).

Porém, metodologias variadas de ensino são consideradas ativas, sendo possível considerar o termo “metodologia ativa” como uma categorização genérica para metodologias alternativas às tradicionais. Dentre essas, as mais utilizadas são a Aprendizagem por Projetos, a Sala de Aula Invertida, e a Aprendizagem Significativa.

A Aprendizagem Baseada em Projetos (Project-Based Learning), assim como a Aprendizagem Baseada em Problemas (Problem-Based Learning - PBL), tem como base a resolução de problemas reais, tendo o professor como um facilitador da aprendizagem (Rocha e Farias, 2020).

A Sala de Aula Invertida tem como principal intuito se aproximar da realidade dos alunos, acompanhando o ritmo das tecnologias atuais. Desse modo, as atividades que comumente seriam realizadas dentro de sala de aula, como explicação de conteúdo, seriam

realizadas em casa, deixando o ambiente escolar reservado para estudo e discussão do conceito estudado, a fim de identificar e sanar dúvidas (Lima, Sousa e Sitko, 2021).

A Teoria sobre Aprendizagem Significativa (TAS) usa como base a psicologia cognitiva, a qual tem como prioridade estudar o aprendizado, como também a memorização. Tem como objetivo a reconstrução da educação (matemática) incentivando o educando a buscar uma real compreensão do conteúdo, usando o conhecimento prévio e trabalhando a autonomia do educando ao realizar conexões entre conteúdos recém estudados com um conhecimento já aprendido previamente, além de trabalhar a interdisciplinaridade usando o conhecimento em diversas situações (Santarosa, 2016).

Quando falamos em otimização de tempo, isso entra em contradição com a concepção clássica de escola, *Skholè*, que pode ser traduzida como “tempo livre” (Masschelein e Simons, 2023), compreendida como o uso do tempo para reflexão democrática, além de ir de encontro à própria ideia de autonomia dos estudantes, uma vez que não resta tempo para que eles utilizem o espaço apropriado para refletir. Otimizar o tempo objetifica o educando, pois lhe tira o tempo livre que seria usado para a conscientização crítica, tornando-o um objeto.

Por que as metodologias ativas tiram o foco da relação entre professor-aluno-instituição para uma individualização: o aluno?

Sobre contradição

Por que o neoliberalismo não quer que sejamos críticos?

As metodologias ativas são ferramentas utilizadas pela lógica neoliberalismo que visam o controle das mentes, com essas ferramentas, criam-se formas de vidas baseadas na individualização que só podem ser inventadas com fortes intervenções na estrutura social e na sua reeducação (Safatle, 2023). Por conta disso, essas metodologias são altamente disseminadas. Institutos educacionais e lemas como *educação é à base*, inflamam as discussões em torno de metodologias ativas e o empreendedorismo nas esferas educacionais (Cássio; Catelli, 2019).

Os autores que defendem o uso das metodologias ativas apresentam discursos contraditórios ao citar Freire para defender a autonomia dos estudantes, sendo que, para Freire, autonomia é a capacidade de desenvolver um pensamento crítico, sendo necessário o diálogo entre professor-aluno-instituição. Já para os defensores das metodologias ativas, autonomia é individualismo, é a capacidade de um estudante de abstrair o conteúdo de uma disciplina sem

a necessidade do diálogo com o professor. Autonomia nas metodologias ativas aproxima-se de um empreender a si mesmo. O sujeito empreendedor de sua própria vida é visto como um sujeito autônomo. Como tornar-se crítico se relaciona com essa ideia de autonomia individualista?

Por outro lado, o sistema de ensino usuário de metodologias ativas em nenhum momento se contradiz, uma vez que cumpre com o que é teorizado e planejado. O plano desse sistema é incentivar o desenvolvimento do pensamento empreendedor e competitivo nos estudantes (e não só nos estudantes, mas entre famílias e escolas), para que, assim, caiam no ciclo do neoliberalismo: otimismo ingênuo - desesperança. No neoliberalismo o objetivo não é que o educando se torne sujeito, capaz de pensar sua realidade criticamente, o objetivo é que o educando se torne um objeto, por conta disso, escutamos “a escola não é partido. Ela tem que ensinar os conteúdos, transferi-los aos alunos. Aprendidos, estes operam por si mesmos” (Freire, 2024, p. 32).

Ao tirar a condição de sujeito dos estudantes, eles se tornam um alvo mais fácil da exploração em qualquer área do mercado de trabalho. Assim, com mais trabalhadores que não percebem que estão sendo explorados, as empresas lucram cada vez mais, enquanto o trabalhador recebe o mínimo. Desse modo, ao objetivar os estudantes, eles se tornam rentáveis.

A partir do exposto, questionamos: há espaços para as metodologias ativas no campo da educação matemática? No intuito de responder nossa questão, mergulhamos nos anais do XIV Encontro Nacional de Educação Matemática.

Enem

Afinal, na educação matemática, as metodologias ativas estão presentes? Se estão, como se apresentam?

Para fins de escrita, elegemos os anais do XIV Encontro Nacional de Educação Matemática (ENEM, 2022). Em nosso filtro, buscamos trabalhos que discutiram duas das metodologias ativas citadas anteriormente (Sala de Aula Invertida, e a Aprendizagem Significativa). Como estratégia de busca, analisamos títulos, resumos e/ou palavras-chaves. Das quais, obtemos 21 artigos que citam o termo “Aprendizagem Significativa” e outros 3 trabalhos que citam “Sala de Aula Invertida”. Ao realizar uma busca nos anais do evento, excluído os filtros, obtemos um universo de 84 trabalhos e 12 trabalhos respectivamente. Percebe-se que muitos trabalhos dissertam acerca das metodologias ativas sem utilizar os termos em seus

resumos, títulos e/ou palavras-chaves.

Após a leitura dos materiais selecionados, percebemos que dois trabalhos *defendem*, *definem* e *destacam* as metodologias ativas. Portanto, escolhemos os trabalhos: “Festejando e Aprendendo: Um Projeto De Abp Para O 6º Ano Do EF” e o já mencionado “Sala de Aula Invertida na Educação Matemática: uma proposta para o ensino de frações” como material de análise para nossa pesquisa.

Nos limites das metodologias ativas

Ao analisar os trabalhos, separamos as citações entre as que *definem*, *defendem* e *destacam* as metodologias ativas. Começando por definições encontradas:

Neste trabalho será abordada a ABP que é uma metodologia ativa de construção do conhecimento necessário à (re)solução de problemas ou à resposta a perguntas relacionadas com os interesses e vivências dos alunos, em que o aprender e o saber fazer são indissociáveis (Mendes e Costa, 2022, s/p).

As Metodologias Ativas se caracterizam por expressarem concentração no aluno, mudando o foco do ensino e aprendizagem do professor para o aluno, de maneira, que ele seja instigado à aprendizagem através da investigação, descoberta, resolução de problemas, ou seja, por meio de atividades que estimulem a autonomia, tornando-o protagonista da sua aprendizagem (Silva e Fernandes, 2022, s/p).

Palavras de ordem no campo das metodologias ativas: resolver problemas (como se já não existisse uma metodologia legitimada no campo da educação matemática denominada de resolução de problemas) e o saber fazer. Percebe-se o saber fazer como sinônimo de autonomia, daquele sujeito que enxerga a si como uma empresa, bastando uma otimização administrativa, ao tornar o estudante um protagonista de sua vida (e de seu projeto de vida)

Para defender um projeto de vida coerente com a lógica empresarial, a vida torna-se uma grande empresa, bastando administrá-la da melhor forma possível, conforme o trecho abaixo:

[...] “a inversão da sala de aula estabelece um referencial que oferece aos estudantes uma educação personalizada, ajustada sob medida às suas necessidades individuais” (Silva e Fernandes, 2022, s/p).

É na própria personalização que os projetos de vida adentram espaço às discussões escolares. Imbricados na discussão, as famílias passam a competir pelas melhores escolas (baseadas em índices) e os estudantes passam a consumir seus caminhos escolares (tornando-se consumidores do campo educacional).

Por outro lado, alguns trechos destacam o papel do professor com metodologias ativas (sobre suas defesas):

O professor, nesse momento, pode passar de mesa em mesa observando os comentários e ideias, e intervir, caso seja necessário. (Mendes e Costa, 2022, s/p)

Investigação e inovação dos alunos - o professor é um facilitador, instruindo e estimulando o espírito investigativo do aluno (Mendes e Costa, 2022, s/p).

“Mediamos as ações dos alunos” (Silva e Fernandes, 2022, s/p).

[...] O objetivo de intervir a sala de aula é deslocar para o aprendiz a atenção que antes se concentrava no professor”. (BERGMANN; SAMS, 2018, p. 129) (Silva e Fernandes, 2022, s/p).

Em síntese, as metodologias ativas tiram o foco do professor, transformando-o em um tutor, facilitador e/ou mediador. O lugar do professor desloca-se daquele que prepara suas aulas para alguém que segue um percurso pré-definido (como apostilas e manuais) e desenvolve uma aula a partir do que está dado (em apostilas e documentos oficiais).

O drama que analisamos é o esvaziamento das docências ao ato de mediar. Bastando, quem sabe, um notório saber para “simplificar” as ações oriundas das docências. Em resumo, há um apagamento da figura professora e professor ao surgir, entre metodologias ativas, assessorias, estruturas que ditam a ordem (discursiva) do que (não) deve ser dito. Como uma boa gestão no perverso imbricamento escola-empresa, pois

Percebemos que a interação entre eles e o professor aumenta com o uso dessa metodologia da Sala de Aula Invertida (Silva e Fernandes, 2022, s/p).

As docências deslocam-se das relações para interações, na forma de uma conversa e não mais um diálogo.

Os estudantes também adquirem um papel específico.

[...] evidencia que podemos concentrar no ambiente virtual as informações básicas e deixar para a sala de aula as atividades mais criativas e supervisionadas, e propor uma combinação de aprendizagem por desafios, problemas reais e jogos. A Sala de Aula Invertida permite que **o aluno seja ativo**, principal responsável por sua aprendizagem (Silva e Fernandes, 2022, s/p).

O aluno torna-se ativo em suas aprendizagens. Inclusive, em relação às dificuldades oriundas de suas caminhadas.

Hoje, é perceptível o desinteresse dos alunos pelos temas escolares tradicionais (Mendes e Costa, 2022, s/p).

Por que o meu aluno está desinteressado? O que posso fazer para motivá-lo? O que pode/deve ser feito para que ele queira aprender, além da aprovação? (Mendes e Costa, 2022, s/p)

“As metodologias ativas de aprendizagem colocam o aluno como protagonista, ou seja, em atividades interativas com outros alunos, aprendendo e se desenvolvendo de modo colaborativo” (CAMARGO; DAROS, 2018, p. 44) (Silva e Fernandes, 2022, s/p).

Ao procurar culpados pelos fracassos e desinteresses escolares, a literatura pautada em

metodologias ativas coloca tanto o papel do professor e da professora quando do e da estudante em discussão. Uma vez ofertada uma atividade com metodologias ativas, os estudantes tornam-se protagonistas de suas aprendizagens. Responsabilizamos - no percurso duplo - a docência que não oferece metodologias ativas e os discentes que não participam de atividades significativas (de acordo com a literatura que anseia pelo campo neoliberal nas esferas educacionais).

Por fim, podemos destacar algumas potencialidades das metodologias ativas.

Precisamos, em todo o tempo, estar atentos e em busca de métodos e estratégias que motivem os alunos a terem interesse pelo conhecimento. Uma metodologia que tem sido recomendada é a Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP), metodologia ativa que une o interesse do aluno com a construção do conteúdo. (Mendes e Costa, 2022, s/p)

Algumas instituições apresentam projetos como apresentação de trabalhos de conteúdos já aprendidos, porém o sentido da ABP é estimular a aprendizagem através de um projeto escolar, dando significado aos conceitos construídos pelos alunos. Com isso, podemos nos questionar mais um pouco: O que podemos trazer de significativo dentro do conteúdo que iremos ensinar? O que é possível fazer para despertar o interesse daquele grupo de alunos, em particular? (Mendes e Costa, 2022, s/p).

De uma forma sutil e ancorada em preceitos de neutralidade, *educação é à base* (num suposto equacionamento em que tudo = nada), o estado mínimo adquire espaço ao entrar na ordem discursiva educacional. Antes de negar ao que está posto sobre a educação dita *ativa*, seguimos atentos aos discursos sedutores (e nada ingênuos) das educações neoliberais. Pois, como afirma Freire, educar é um ato político. Não escolher um lado, é, igualmente, um posicionamento político. Transformar a educação em uma empresa, também.

Considerações finais

Cabe a nós, educadoras e educadores

[...] recusar o papel de puras seguidoras dóceis dos pacotes que sabichões e sabichonas produzem em seus gabinetes numa demonstração inequívoca, primeiro, de seu autoritarismo, segundo, com alongamento do autoritarismo, de sua absoluta descrença na possibilidade que têm às professoras de saber e de criar (Freire, 2024, p. 35-36).

Ao analisarmos o contexto em que são aplicadas as metodologias ativas e seu funcionamento, é possível perceber que, apesar de serem citadas como metodologias de ensino-aprendizagem, elas trabalham apenas com aprendizagem, descartando o papel do professor no percurso do aprender. Tudo isso, sustentado por uma base neoliberal que prescreve (e segue sonhando enxergar) a educação como uma empresa.

Professores e professoras, alunas e alunos, diretores e diretoras, pedagogos e pedagogas (para não listar todos que ocupam escolas públicas pelo país) são vistos como peças de uma

engrenagem a girar e girar e girar... Fracassos e sucessos são inventados em cada avaliação (sempre em larga escala) que rondam e seguem ordenando (discursivamente) o que todos nós devemos fazer, pois as questões orbitam um saber-fazer.

Além disso, outro foco das metodologias ativas é a otimização do tempo em sala de aula. Num contexto empresarial, otimização é o uso mínimo de recursos para alcançar um rendimento máximo, o que, no contexto educacional, significa um mínimo de professores e professoras para um máximo de alunos. Em síntese, redução de gastos. A educação vira investimento, sempre privado.

Percebemos que as metodologias ativas e a autonomia em Freire podem até emergir de um mesmo ponto, mas distanciam-se em seus efeitos: as subjetivações. Enquanto a primeira desenvolve uma rede discursiva em prol de um sujeito que empreende a si mesmo, ao enxergar sua vida como uma empresa, a segunda, legitima a potencialidade da leitura de mundo e do perfil questionador necessário ao sujeito crítico de suas mazelas e potencialidades.

Na contramão de tanto esvaziamento (pelo percurso do ativo que busca seguir uma normativa sem questionar...), lemos Freire, Foucault e outros tantos para ensaiar maneiras de resistir. Ao buscar a esperança mesmo no azedume do desespero (Stadler; Almeida; Geisler, 2025), aprendemos que “esta é uma das violências que o analfabetismo [e o neoliberalismo] realiza - a de *castrar* o corpo consciente e falante de mulheres e de homens, proibindo-os de ler e de escrever” (Freire, 2024, p. 26). Que outras leituras e escritas são possíveis quando tensionamos as violências de neoliberalismos no campo educacional?

Referências

ANDRADE, Luiz Antônio Botelho; LONGO, Waldimir Pirró; PASSOS, Eduardo. Autonomia: um modelo explicativo da ontologia da universidade. **Anais** da 23^aanped. <http://23reuniao.anped.org.br/trabtit1.htm#gt11>. Acesso em 21 fev 2025.

CAMARGO, Fausto; DAROS, Thuinie. *A sala de aula inovadora-estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo*. Penso Editora, 2018.

CÁSSIO, Fernando; CATELLI, Roberto Júnior (orgs.). *Educação é à base? 23 educadores discutem a BNCC*. São Paulo: Ação educativa, 2019.

DUMINELLI, Meline Vitali; EZEQUIEL, Karoline Brasil de Oliveira; YAMAGUCHI, Cristina Keiko. *Perspectivas do compartilhamento do conhecimento entre os docentes para viabilizar a metodologia ativa*. Visão, Caçador - SC, v. 7, n. 2, p. 20-32, jul./dez. 2018.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FREIRE, Paulo. *Educação Como Prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz&Terra, 2024.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. Rio de Janeiro: Paz&Terra, 2024.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz&Terra, 2024.

Freire, Paulo. *Professora, sim; tia, não: cartas a quem ousa ensinar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024.

LIMA, Valdinéia Rodrigues; SOUSA, Edilene França Pereira; du, Camila Maria. *Metodologias ativas de ensino e aprendizagem: Sala de aula invertida, instrução por colegas e júri simulado no ensino de Matemática*. Research, Society and Development, [S. l.], v. 10, n. 5, p. e2810514507, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i5.14507.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. *Em defesa da escola: uma questão política*. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

MENDES, Elimara Barros Gumerindo; COSTA, Liliana Manuela Gaspar Cerveira. Festejando E Aprendendo: Um Projeto De Abp Para O 6º Ano Do Ef. In: *Anais do XIV Encontro Nacional de Educação Matemática*. 2022.

MORÁN, José. Mudando a educação com metodologias ativas. In: SOUZA, Carlos Alberto; MORALES, Ofelia Elisa Torres *Convergências midiáticas, educação e cidadania: aproximações jovens*. Ponta Grossa: Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015.

ROCHA, Carlos José Trindade da; FARIAS, Sidilene Aquino de. Metodologias Ativas de Aprendizagem Possíveis ao Ensino de Ciências e Matemática. *Revista REAMEC*, Cuiabá - MT, v. 8, n. 2, p. 69-87, 2020.

SANTAROSA, Maria Cecília Pereira. Ensaio sobre a aprendizagem significativa no ensino de matemática. *Aprendizagem significativa em Revista*, v. 6, n. 3, p. 57-69, 2016.

SAFATLE, Vladimir. A economia moral neoliberal e seus descontentes: A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral. In: SAFATLE, Vladimir. JUNIOR, Nelson da Silva. DUNKER, Christian. *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2023, p. 17-46.

SILVA, Rafael Pereira; FERNANDES, Maria Betania Sabino. Sala de Aula Invertida na Educação Matemática: uma proposta para o ensino de frações. In: *Anais do XIV Encontro Nacional de Educação Matemática*. 2022.

STADLER, Thiago David; ALMEIDA, Antonio Charles Santiago; GEISLER, Juliane Aparecida (orgs.). *Preso-cráticos: filosofia da cadeia*. Londrina: Editora Soriano, 2015.